

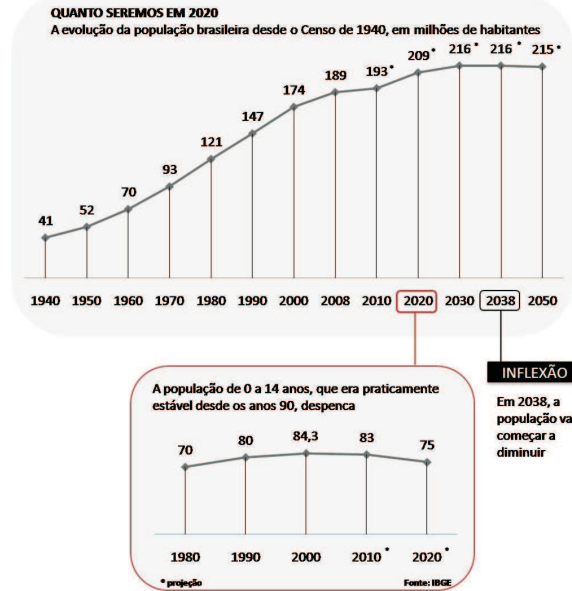
Mídia in F/oco

INFORMATIVO ESPECIAL

Fonte: Revista Época

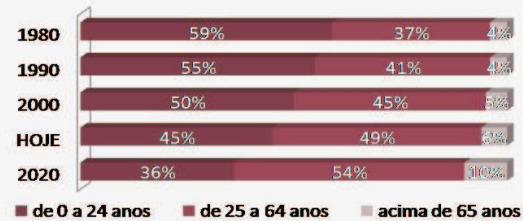
ESPECIAL “O BRASIL EM 2020”

Em 2020 o Brasil será diferente sob vários aspectos. A maior parte deles, imprevisível. Da mesma forma, fenômenos detectáveis hoje terão seus efeitos mais fortes a partir de 2020. O primeiro deles será a mudança populacional brasileira. Nos anos 1960 e 1970, os estudiosos se preocupavam com a “bomba demográfica”: as altíssimas taxas de natalidade, de seis filhos por mulher, criavam uma pressão social que atrasava o progresso do país pela exigência de investimentos pesados em cuidados com a infância. Esse problema sumiu, quase por encanto. A urbanização, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e os novos métodos anticoncepcionais fizeram a taxa de natalidade declinar, até o atual índice de 1,8 filhos por mulher. A mudança do perfil demográfico dá uma janela de oportunidade ao Brasil. Pela primeira vez, teremos mais gente no mercado de trabalho que fora dele. A janela se fechará a partir da década seguinte, com o aumento do número de idosos. Esta década é, portanto, aquela em que temos as melhores condições para resolver os problemas estruturais do país. As mudanças populacionais incluem certa redistribuição regional. O sul e sudeste já deixaram de atrair gente do país inteiro, e as cidades médias vêm crescendo a taxas maiores que as grandes. É possível, ainda, que o maior país católico do mundo tenha maioria protestante. Já na próxima década



MAIS GENTE TRABALHANDO

O Brasil não é mais um país de jovens. Em 2020, os adultos serão a maioria absoluta



VAMOS CRESCER MENOS

O país tem a 5ª maior população. Em 2020, terá a 6ª, em milhões de habitantes

	1980	2000	2020*
CHINA	980	1.266	1.431
ÍNDIA	692	1.042	1.367
ESTADOS UNIDOS	229	287	346
INDONÉSIA	146	205	254
BRASIL	121	174	209
PAQUISTÃO	82	148	226
BANGLADESH	90	140	185
NIGÉRIA	74	125	193
RÚSSIA	138	146	135
JAPÃO	116	126	123

* projeção Fonte: ONU

o PIB brasileiro (soma de todas as riquezas produzidas pelo país) deverá pular para U\$ 2,6 trilhões, segundo previsão

É quase o dobro do atual. A participação do Brasil no PIB mundial passará de 2,5% para 4%. Teremos ultrapassado a Itália. A riqueza extra deve melhorar a vida dos brasileiros, mas ela sozinha não garantirá um padrão de vida de país desenvolvido. “O Brasil era o país do futuro. Não é mais. O futuro já está aqui. Nosso problema não é mais de subdesenvolvimento, é de justiça” diz Fernando Henrique Cardoso. Precisamos, sobretudo, investir em educação. Teremos, nesta década, menos crianças entrando na idade escolar. Em 2020, haverá entre 10 milhões e 13 milhões de matrículas a menos no ensino fundamental. Os recursos hoje gastos com esse contingente pode ser aplicados em tecnologia, aumento de carga horária e treinamento de professores. Ainda será pouco. Para dar o salto de que o Brasil precisa, é necessário reservar para a educação no mínimo 5% do PIB – hoje gastamos apenas 3,7%.

Além de crescer mais, precisamos decidir crescer de forma mais sustentável. O Brasil começará a sentir, a partir de 2020, os efeitos do aquecimento global. O futuro exigirá de nós um esforço de adaptação. Haverá empregos diferentes, e muitos de nós precisarão trabalhar até idades mais avançadas. Teremos carros melhores e menos poluentes, mas o trânsito não vai melhorar. Teremos redução dos níveis de violência, principalmente porque haverá menos jovens na idade mais propícia ao crime, mas essa tendência oscilará e só se confirmará totalmente a partir dos anos 2030. Viveremos mais e gastaremos mais com saúde. Os casamentos ocorrerão mais tarde as famílias serão menores e haverá 5 milhões de mulheres a mais que homens. Usaremos mais a tecnologia de forma diferente, compraremos produtos maravilhosos, cultivaremos a fama e consumiremos cultura de outras formas.

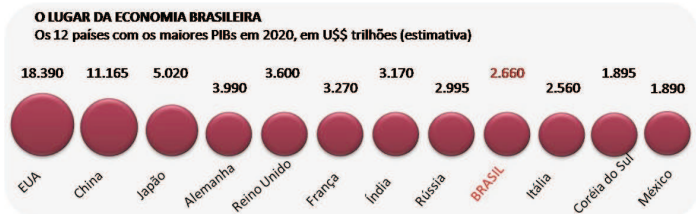
MAIS PRÁTICOS E ECOLÓGICOS

As inovações de produtos que virão na próxima década seguem duas linhas: aumentar nosso conforto e reduzir o impacto ambiental. Entre os eletrônicos, há experimentos com aparelhos fáceis de carregar e usar (como o celular flexível inquebrável da Nokia). E também pesquisas de produtos que usam melhor a energia, como um refrigerador Electrolux com temperaturas diferentes para cada compartimento. Na construção, a divisão tradicional das casas passará a ser móvel, garantindo maior interação entre os moradores. Materiais ecologicamente corretos farão parte de nosso cotidiano, tanto nas casas quanto nas roupas.



O PAÍS VAI CRESCER. FICARÁ MELHOR?

Mesmo nestes tempos de crise e incerteza, há uma clara confiança nas perspectivas de longo prazo da economia brasileira. Em 2020, segundo banco americano Goldman Sachs, o PIB do Brasil vai atingir a soma de U\$ 2,6 trilhões, o dobro do registrado em 2007.



Esse retrato para a próxima década não resolve todos os problemas do país. Nossa renda *per capita* vai crescer lentamente e continuará distante das nações desenvolvidas. Eis alguns problemas: **tamanho excessivo do Estado brasileiro**. Ao longo dos últimos anos, o governo federal acelerou seu ritmo de contratações de funcionários públicos logo aumentos salariais. Isso significa menos dinheiro para áreas que alavancam o desenvolvimento do país (educação, saúde e investimento em infraestrutura); **a crescente despesa do governo com a Previdência Social**. O governo diz que não precisa de reforma até 2019, mas muitos defendem que as mudanças são urgentes; **elevado custo do Estado**, pesada e complexa carga de impostos que cai sobre os cidadãos e as empresas; **crescimento da informalidade**. O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas diz que seu "Índice da Economia Subterrânea", que mede atividades comerciais no mercado informal ou práticas de sonegação de impostos, cresceu 27,6% em 2008; **burocracia**. O ranking Doing Business, calcula que a abertura de um negócio no Brasil requer 18 procedimentos burocráticos e leva 152 dias; **sistema judicial**, simplificar e agilizar os processos; e finalmente para um ambiente de negócios sadio tem um baixo

O QUE FALTA PARA SERMOS

Quando se recorda que o colapso do sistema financeiro mundial nem sequer completou o primeiro aniversário e os países desenvolvidos enfrentam a pior recessão em três gerações, toda a profecia positiva parece um exercício temerário de adivinhação. Mas a verdade é que, entre observadores de prestígio e analistas conceituados, cresce a convicção de que o Brasil é um país que pode sair bem da crise atual do capitalismo. "O Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração" diz o ex-ministro Antonio Delfim. Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça "Não há dúvida de que o mundo vai oferecer muitas oportunidades estratégicas ao Brasil, nos próximos anos. A única dúvida é saber se saberemos aproveitá-las". Entre os quatro países emergentes de maior peso – Brasil, Rússia, China e Índia –, o Brasil é de longe o melhor da classe. Um país com regras democráticas estáveis, um sistema financeiro sólido e um ambiente de consenso favorável ao desenvolvimento. Comparado com seus três concorrentes emergentes, o Brasil tem vantagens claras: não enfrenta problemas de fronteira ou movimentos separatistas, não sofre com conflitos étnicos ou religiosos e tem um único idioma. A dúvida é saber quando a economia mundial voltará a crescer e em que ritmo. É o dado decisivo. Quanto mais lenta for a recuperação, maior será o estrago provocado e mais difícil será voltar à velocidade anterior. "O Brasil tem tudo para ser protagonista do século XXI", diz Delfim. A urbanização acelerada do planeta elevará em até 50% a demanda por alimentos importados, num mercado garantido para o crescimento das exportações brasileiras. O progresso de um país deve ser medido por seu desempenho em três áreas da economia: commodities, indústria e serviços. Nossa maior defasagem é em serviços, mas isso pode ser corrigido investindo em educação. O futuro não é uma mercadoria que se encomenda pela internet, mas uma realidade que se constrói pela ação adequada de governos e pela capacidade de mobilizar o Estado para responder às necessidades do desenvolvimento. Esse trabalho inclui rever as diferenças de renda, segurança e estabilidade entre funcionários públicos e privados, além de uma reforma na Previdência. Com estradas mal cuidadas, portos anacrônicos e uma rede ferroviária minúscula e em mau estado, nossas exportações perdem preço. Na face prioritária do mesmo problema, a educação tornou-se o desafio central. O difícil é sair da teoria para a prática.

